

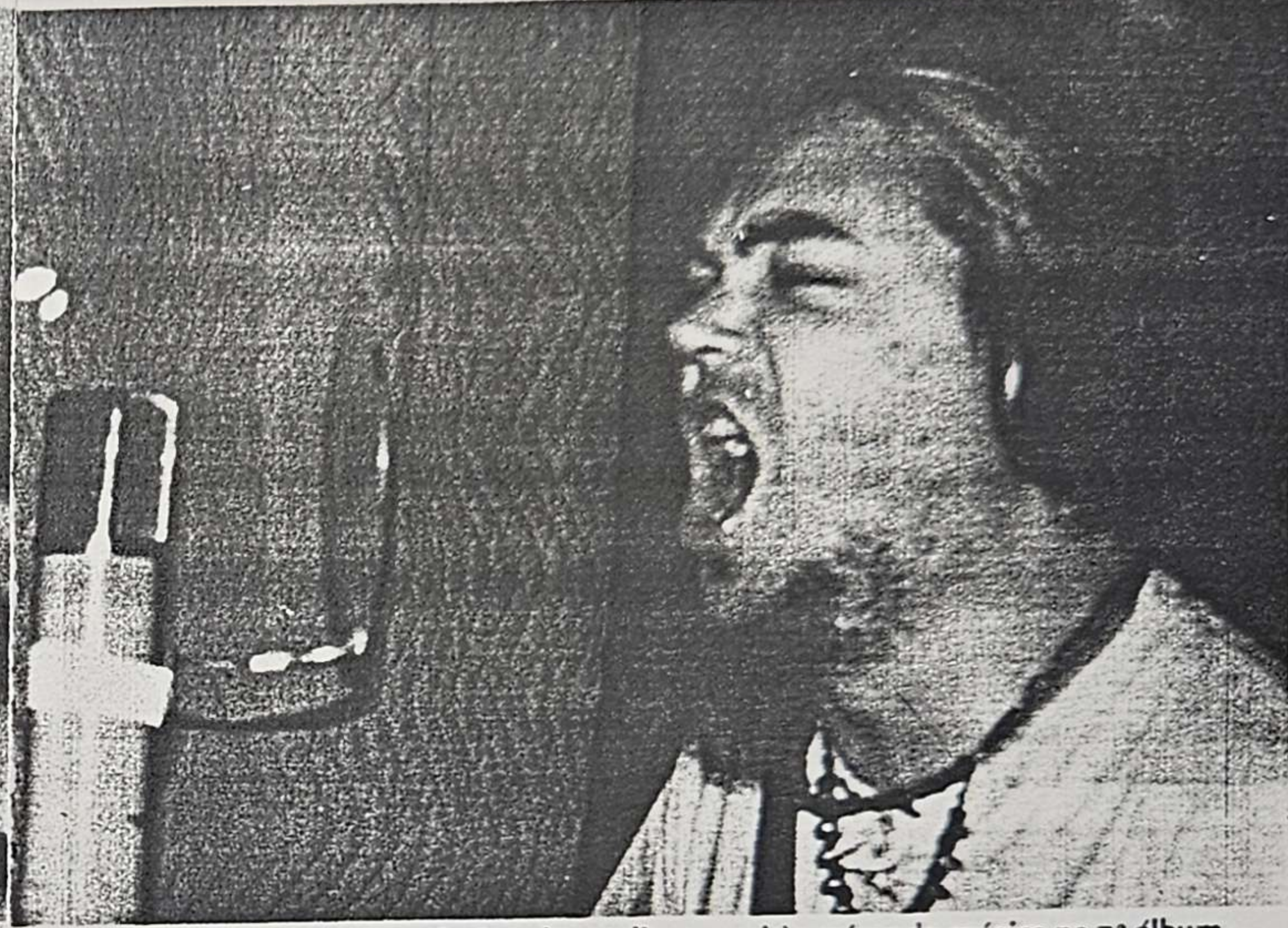
heavy cai na timbalada

por Ana Ban

O trash mais que pesado juntou-se ao tamborilar baiano. O resultado está no álbum "Roots", o sétimo da banda mineira Sepultura, que sai em fevereiro. Max Cavalera (vocal e guitarra), Igor Cavalera (bateria), Andreas Kisser (guitarra) e Paulo Jr. (baixo) gravaram nos EUA com ninguém menos que Carlinhos Brown, pai da timbalada. A idéia da mistura inusitada nasceu em agosto, quando Sepultura e Brown tocaram juntos no MTV Video Music Awards Brasil (premiação da MTV). Max Cavalera e Carlinhos Brown falaram da experiência à *Revista da Folha*, por telefone, de Malibu. A banda fica em estúdio até o fim do mês. Brown, em Paris, mixa seu primeiro solo e já pensa em colocar o Sepultura sobre o trio elétrico, no Carnaval da Bahia.



O percussionista Carlinhos Brown que, a exemplo do Sepultura, quer ganhar o mundo



Max Cavalera, o vocalista do Sepultura, diz que vai às raízes da música no 7º álbum

► Como surgiu a idéia da parceria?

◀ **Max Cavalera:** A gente já tinha o plano de trazer um percussionista para gravar o disco, mas não sabíamos quem. Na festa da MTV, descobrimos o Carlinhos Brown. A troca de energia e influência surgiu naturalmente. Ele é uma pessoa com a cabeça aberta e entende nosso trabalho. E a gente entende o dele. Mesmo com diferentes estilos, nossa mensagem é a mesma. Ele é como a gente: bateu a cabeça e batalhou pra caramba. Então combinou legal.

◀ **Carlinhos Brown:** Eu já gostava da forma brasileira de o Igor tocar bateria. Foi tão bom tocar com eles no MTV Awards que me convidaram para gravar o disco. Topei na hora.

► **Vocês já ouviam o trabalho um do outro antes de se conhecerem?**

◀ **Cavalera:** Morando em Phoenix (EUA), tento manter contato com a música do Brasil. A música de Brown

é honesta, igual à nossa. E eu sei dizer quando uma música é superficial, não sai da alma. Ele é um percussionista muito criativo. Como nós: ainda guardamos a rebeldia de não seguir as tradições. Muitas bandas perdem aquele fogo inicial e fazem tudo que a gravadora quer.

◀ **Brown:** Eu já ouvia os discos do Sepultura e tenho uma admiração muito grande por eles porque, depois de Carmen Miranda, foram os únicos brasileiros a ter uma expressão realmente afirmada para a cultura de massa fora do Brasil. Isso me fascinava. A minha vontade de também alcançar o mercado internacional nos aproximava de outra forma. Eles fazem uma música para fora, como eu com a percussão.

► **Será que os fãs mais radicais não vão estranhar a parceria?**

◀ **Cavalera:** A gente não tem mais fã radical. O grupo mudou junto com os

fãs, que entenderam que o Sepultura não vai fazer o mesmo disco todo ano. Neguinho acha que o disco não vai vir mais pesado, é ao contrário, a percussão coloca mais peso.

◀ **Brown:** A timbalada é uma coisa completamente separada do que eu sou em termos de música e o Sepultura também. Meu público sabe disso. Ao mesmo tempo, tenho o projeto "Tribal Rock", dentro da timbalada. Quero misturar esse tamborilar de verdade com rock, com muita distorção.

► **Trazar uma pessoa como o Carlinhos Brown tem a ver com o nome do disco, que é "Roots" (raízes)?**

◀ **Cavalera:** Tudo que envolve o disco tem a ver com raízes. A raiz musical da Bahia é muito forte. A gente também pensou em fazer um lance com os índios. A primeira música do Brasil é a indígena. Vamos gravar com os xavantes em novembro, na tribo.

Mais raiz que isso não dá.

► Como foram as gravações?

◀ **Cavalera:** O estúdio é nas montanhas, tem um pico de onde você vê o vale inteiro e o mar. É inacreditável. O produtor (o norte-americano Ross Robinson) conseguiu colocar todas as percussões nesse lugar, um espaço do tamanho de um banheiro. Gravamos umas quatro horas de percussão, todo mundo junto. Parte dessas gravações vai ser jogada no disco. O estúdio é diferente de todos os outros lugares em que a gente já gravou. É mais velho e, quando você chega, parece que se afastou por inteiro da civilização. É uma cabana no meio da montanha. No último dia, fizemos uma música juntos: foi um casamento. A gente tocou o lance do Sepultura no fundo e Carlinhos Brown fez a percussão animal dele em cima.

◀ **Brown:** Foram três dias maravilhosos. Você pode até pensar que esses

caras estão só fazendo barulho, mas estão falando de coisas seriíssimas. É uma família e eu me sinto muito honrado de ser convidado pelos "Cavalera da Távola de Minas Gerais". Eles são mineiros mundiais, parece que, onde eles chegam, tudo vira Minas. Eu pirei em uma idéia genialíssima de a gente ter gravado em um "canyon", um precipício mesmo. O produtor descia a encosta e colocava o microfone lá embaixo, para gravar o som da água descendo, das pedras que a gente jogava. Usávamos tudo do lugar para fazer som. Na hora de ouvir, saiu uma coisa que a gente nunca tinha imaginado.

► **Vocês já tinham gravado com alguém de estilo tão diferente do seu?**

◀ **Cavalera:** Não, isso que é legal. Tocar com o Carlinhos é diferente, mas no fundo é a mesma coisa. O que a gente quer expressar é o mesmo. A gente tem prazer de trabalhar com to-

do mundo, e é isso que mantém o Sepultura diferente das outras bandas. A gente se adapta a vários estilos sem ficar preso e avança.

◀ **Brown:** As primeiras bandas em que eu toquei na Bahia, nos anos 70, eram de rock. O próprio trio elétrico é pesado. Música pesada é pesada no mundo inteiro, um tipo de gente gosta dela. Não significa que tenha só guitarra distorcida. O que a gente faz na Bahia (Olodum, Timbalada) é um comportamento rock: botar para fora e reclamar, ou preservar a alegria quando preciso. A diferença é que, muitas vezes, o rock dá referências muito velhas, parece ser a música mais antiga do mundo. Cada vez que o mundo avança, mais o rock distorce. Percussão dentro do rock dá uma distorção incrível.

► O que vai ficar desse encontro?

◀ **Cavalera:** Espontaneidade. É inacreditável como ele tira som de tudo, qualquer coisa vira instrumento.

◀ **Brown:** O respeito pela família Sepultura. Fiquei louco com Juju e Zyon (filha de Andreas e filho de Max, respectivamente). E a lição de que é sempre preciso cantar o que se sente, para se renovar.

► A parceria deve se estender?

◀ **Cavalera:** A gente nunca planeja nada. Se pintar de fazer um show junto, legal. Tocar ao vivo é um prolongamento do que acontece no estúdio, fica mais criativo.

◀ **Brown:** Não existe nada concreto, mas estou com esses caras onde for preciso. Eles são a família brasileira de verdade. Ao mesmo tempo em que são brasileiros, parecem ciganos, sempre juntos. Mas o que eu mais gostaria de realizar agora é ver o Sepultura no Carnaval da Bahia. Se tem alguém aí que é a favor da ressurreição das estéticas nacionais, pode começar a pensar. ■